

A CONTRIBUIÇÃO NATIVA E O AFLUENTE AFRICANO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

META

Mostrar o surgimento de uma variedade lingüística após o contato do indígena com o colonizador europeu.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: listar as fontes nativas que influenciaram o léxico do português do Brasil; identificar as causas históricas responsáveis pela emigração africana para o Brasil, na fase colonial; e descrever as contribuições lingüísticas do afluente africano no português do Brasil.

PRÉ-REQUISITOS

A aula número 13 – O português do Brasil entre os séculos XVI e XVIII.



O Pensador - arte Kioka - Angola (Fonte: <http://pissarro.home.sapo.pt>).

A aula anterior já abordou, de forma geral, a questão das línguas indígenas do Brasil, nos primeiros anos de colonização portuguesa, e o choque dessas duas culturas lingüísticas: a tupi-guarani e a portuguesa. Convém lembrar que, desde o início

INTRODUÇÃO

da catequese dos nativos, em plena metade do século XVI, no espaço do continente americano, ficou patente para os colonizadores civis ou missionários jesuítas que não seria através unicamente das línguas dos dominadores, o português ou o espanhol, e, menos ainda o latim, que a catequese, no seu sentido político e/ou religioso, se daria cabalmente. É exatamente nesta direção que observa o filólogo Antônio Houaiss:

...graças à compreensão altamente gramaticalizada do latim – codificado, preceptivo, mnemotécnico –, que eles (os jesuítas) praticavam e conheciam metalinguisticamente, estavam eles (os jesuítas) mais do que ninguém aptos ao tempo para ver as ‘unidades nas variedades’ que havia no território em certos grupos de línguas mas não em outros.

Fizemos referência, na aula passada, à elaboração de uma gramática, naturalmente, assentada no modelo latino, de uma certa representação lingüística (uma espécie de amostragem ampla) de línguas mais faladas na costa do Brasil, a partir da qual se procurou disciplinar (normatizar, gramaticalizar) várias línguas indígenas afins, isto é, geneticamente próximas, com o objetivo de facilitar os contatos interétnicos iniciais, estabelecendo, com isso, uma intercomunicação oral regular que se sobrepõe a todas as outras línguas nativas locais mesmo pertencentes ao tronco comum.



Capa do cd Brasileirinho, de Maria Bethânia - Quitanda 2004.

LÍNGUA INDÍGENA

O contingente indígena do território brasileiro, com o qual os portugueses foram, aos poucos, entrando em contato, às vezes, pacificamente, outras vezes, de modo violento, pode ser agrupado, quanto à sua origem, em troncos: a) por características lingüísticas; b) por características etnológicas ou culturais; c) por características somáticas ou físicas.

Desse modo, temos, respectivamente: 1) os *aruaques* – povos nativos da América do Sul, que se encontravam desde as cadeias de montanhas dos Andes e da atual região do Mato Grosso e do Mato Grosso do sul, estendendo-se pelas regiões centrais da Venezuela, Colômbia e Guianas; 2) o *tupí*, propriamente dito, que se espalhava, historicamente, do Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais, atingindo grande parte de Goiás e Maranhão até alcançar e embocadura do Amazonas; 3) o tronco *macrojê* (o que supõe subtroncos separados: parte do norte do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina, São Paulo e triângulo mineiro, e outra parte recobre áreas de Mato Grosso, Goiás, Maranhão e Piauí; 4) as famílias *pano*, *xirina* – que se localizavam na região montanhosa dos Andes, e se puseram em contato com línguas de grande porte como *aimara* e *quéchua*; 5) a família *caribe* (caraíbe) que se situava ao norte do Oceano Atlântico, estendendo-se pelas Guianas, pelo Amapá e norte de Goiás; 6) a família *tucano* e *nambiguara* que se localizava em uma área compacta entre o Peru e o estado do Acre (Brasil).

Todo esse complexo contingente de seres humanos estimado em torno de 10 milhões de indivíduos comprimidos por força de invasões em épocas sucessivas foi o que resultou em diferentes conflitos e mesclagens. Tal processo de confronto, de enfrentamento bélico (guerreiro), reduziu toda essa população a pouco mais de 200 mil indivíduos que dispõem de mais ou menos 200 línguas, não intercomunicantes (uma média de 1000 falantes por língua), isto é, que não permitem a intercomunicação entre as tribos existentes. Na atualidade, essa população autóctone sobrevive como párias, isto é, à margem da cultura oficial de língua portuguesa.

O filólogo Antenor Nascentes registra, em seu dicionário etimológico, a contribuição vocabular indígena à variedade do português do Brasil, os casos de empréstimo lingüístico que se fez por via popular e erudita de curso oral (utilização, uso) vivo até a atualidade. Entre a listagem apresentada pelo professor Nascentes, encontram-se: abacaxi, abaeté, açai, aipim, amendoim, ananás, araçá, arara, araticum, babaçu, bacurau, baiacu, bocaiúva, boitatá, baraúna, buriti, caatinga, caboclo, caburé, caiçara, caipora, cajá, caitetu, caju, catuaba, cipó, curió, cutia, enxu, gambá, garaúna, guaiamum, guará, iara, imbu, imburana, itaipava, jabuti, jandaia, jararaca, jirau, juá, juçara, macambira, macaxeira, mandacaru, mangaba, maracujá, manipueira, maracá, mirim, oca, paca, paçoca, peba, piaba, pindaíba, piranha, pitanga, saci. Samambaia, sapé, saracura, saúva, siri, sucupira, surucucu, sururu, taboca, taba, tabaréu, tapera, tatu, tipóia, tupã, tapioca, urubu, urutu e muitos outros.

A imensa maioria dos tupinismos é constituída de substantivos e se referem à flora e à fauna, a crenças, a utensílios de uso doméstico relativos à cozinha, à caça, à pesca, à habitação. São pouquíssimos os adjetivos de origem tupi: mirim = pequeno, peba = chato, pubo = mole, tinga = branco e alguns outros mais raros. Muitas palavras registradas nos dicionários especializados foram colhidas de fontes literárias, de usos regionalistas ou ainda procedentes de arcaísmos que remetem aos séculos XVI, XVII e XVIII.

Os tupinismos não estão presentes apenas na variante brasileira do português, mas também no português de Portugal, naturalmente pelo enlace necessário entre certas palavras e certas coisas que fazem a realidade de nossa lusofonia, a exemplo de *tapioca*, *jacaré*, *jandaia* e muitos outros vocábulos de uso comum.

Por outro lado, em relação à contribuição das línguas africanas ao português do Brasil, o problema se reveste de alguns aspectos particulares: a) convém informar e tornar bem claro que nem toda presença de elementos lingüísticos africanos existentes no português

tem relação com a variante lingüística falada no Brasil, visto que a esta variante só interessa a influência lingüística decorrente do processo de aculturação motivado pela ação escravista vigente no país até a metade do século XIX; b) há registros precisos de que o português europeu, que também contou com a presença de escravos africanos em Portugal, sofreu influência direta ou indireta de línguas oriundas do continente africano; c) diante disso, torna-se difícil assinalar, com precisão, a quota com que o contingente africano concorreu para o enriquecimento do português americano.

Nesse sentido, o professor Gladstone Chaves de Melo se expressa: “...nada tem que ver com o português do Brasil a palavra *inhame*, que já figura na Carta de Pero Vaz de Caminha, portanto, a influência africana já se sentia, na língua portuguesa, bem antes da exploração de tribos africanas no Brasil colonial.

Como uma questão preliminar, convém ainda levar em conta que os sete milhões de escravos africanos trazidos para o Brasil (segundo uma estimativa corrente) incluíam indivíduos da etnia *nagô* e da etnia *banto*. As línguas que, originariamente, falavam eram, pois, duas: o *nagô* ou *ioruba*, considerada de importância secundária, cuja área de influência se limitou à Bahia, e o *quimbundo*, não só mais rica e expressiva, como mais considerável, uma vez que se espalhou por todas as regiões em que a escravidão se desenvolveu no Brasil.

Um outro ponto que merece realce, nesta aula, e, evidentemente, de maior importância lingüística, é que a



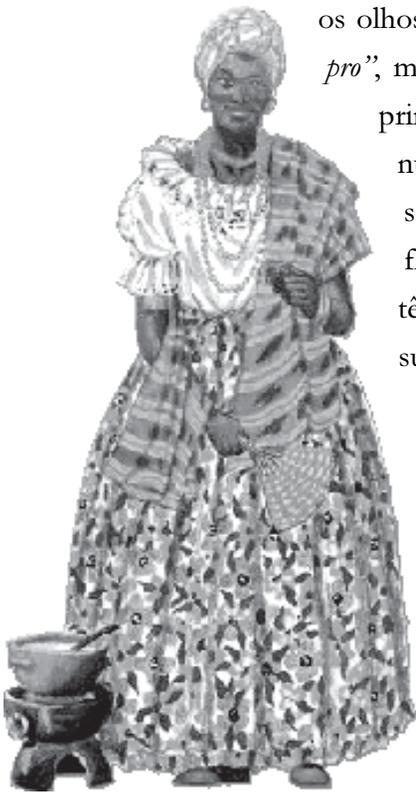
Abaporu - 1928 - Tarsila do Amaral – MALBA- Museu de arte Latinoamericano de Buenos Aires, Argentina.

área lingüística mais atingida pela influência das línguas africanas, bem ao contrário do que ocorreu com o influxo tupi, não se limitou ao vocabulário, mas se estendeu densamente pelo campo da fonética e da morfologia do português.

Segundo vários especialistas desse assunto, entre eles, destaca-se o estudioso Renato Mendonça, tanto o *nagô* ou *ioruba* quanto o *quimbundo* são línguas desprovidas de sistema flexional, de modo que esses falantes (africanos), ao adotarem o português como língua veicular, como idioma auxiliar ou secundário, imprimiram, no português, seus hábitos articulatórios e lingüísticos próprios, correntes em sua fala de origem. É nesse sentido que se costuma dizer que o africano, mais que o índio, contribuiu para a simplificação do sistema flexional da língua portuguesa no Brasil, alterando, assim, fonemas, como se pode observar, ainda hoje, no linguajar do povo. Vejamos alguns exemplos: a) aglutinação fonética: *zoreia*, *zunba*, *zório* (por as orelhas, as unhas e os olhos, daí a formação *zoiá* = olhar); b) flexão verbal: “*eu compro*”, mas *tu, ele, nós, eles compra*”, com oposição apenas entre a primeira pessoa do singular e as demais pessoas; c) flexão de número: *os home tá aí* – por “os homens estão aí”. O professor Celso Cunha adverte que tais modificações fonéticas e flexivas se restringem a certas áreas geográficas do país e têm sido minimizadas pela ação da alfabetização, do ensino supletivo e de uma certa ascensão social do elemento africano. Um exemplo desse resíduo lingüístico de validade relativa se encarna no tipo humano conhecido como “mulato” imortalizado por Aloísio Azevedo, em sua obra “O Cortiço”, em que já se pode constatar que esses fenômenos lingüísticos tendem ao desaparecimento.

Agora, passemos a exemplificar, com mais detalhe, a contribuição africana no vocabulário do português do Brasil:

1. do **nagô**: Ogum, Orixá, vatapá, abará, cará, acarajé, babalaô, Exu, Oxum, Xangô, agogô etc.



Mulher Nagô - Debret (Fonte: <http://www.terrabrasileira.net>).

2. do **quimbundo**: moleque, cachimbo, quitanda, maxixe, samba, mulambo, bangüê, caçula, cafuné, camundongo, canga, carcunda, cochilar, dengue, fubá, maribondo, marimba, birimbau, mocambo, quitute, senzala, xingar etc.

Para além dessas modificações provocadas pelo contato com línguas indígenas e africanas, o português do Brasil se distingue do europeu por uma série de outras particularidades: a) entoação: a cadeia sonora é, entre nós, mais vagarosa, descansamos nas vogais, e disso resulta uma fala mais lenta, mais pausada, mais cadenciada; b) fonética: atribuímos valores diferenciados a certos sons vocálicos (fonemas) em relação à prolação (pronúncia) européia – as vogais “e” e “o” pretônicas de palavras como *semana*, *pelotão*, *esperança*, *correio*, *rei*, *tem* (casos dos ditongos “ei” oral e nasal comparados em relação à prolação portuguesa) – *s’mana*, *p’lutão*, *esp’rança*, *curráio*, *raí* e *tã* e muitos outros valores; c) léxico: conservação e vivência de palavras que se tornaram arcaicas em Portugal: *aéreo* com sentido de “perplexo”, “sem saber o que fazer”; *reinar* com sentido de “traquinar, pintar o sete”; *físico* com sentido de “médico”; *desmentir* com sentido de “deslocar, luxar = dedo desmentido”; *assistir* com sentido de “residir” ou ainda formas tidas por erradas como: *sumana*, *menbã*, *saluço*, *alimpar*, respectivamente – semana, manhã, soluço, limpar – que sobreviveram na linguagem popular brasileira, mas já foram formas normais de uso no português antigo.

Ao lado dessas influências recebidas através do contato com o que se convencionou denominar por “línguas exóticas” ou da sobrevivência de formas arcaicas da língua já há muito superadas em Portugal, no plano da língua escrita, no correr de todo o século XVII e parte do século XVIII, tanto na Europa quanto no Brasil, a língua portuguesa experimenta uma revolução/renovação sem precedentes na sua história, bem mais profunda e bem mais extensa que o que se pôde registrar no período do Renascimento. Trata-se do movimento estético-literário de viés aristocrático conhecido como *Barroco*, cujos escritos não procuram apurar gramaticalmente

Analogia

Modificação que sofre uma palavra para se amoldar a um paradigma (ou modelo), por associação de caráter morfológico, léxico, sintático ou semântico. Só a título de exemplo de analogia, no campo morfológico da linguagem infantil, a forma verbal “cabeu” (do verbo *caber*) acontece por analogia que a criança faz com verbos como “comer/comeu” e assim por diante.

Hipérbato

Figura de linguagem caracterizada pela inversão violenta dos membros da frase. Exemplo: “com violência se desenvolveu, infinita”. A ordem natural seria: “com violência infinita se desenvolveu”. Esse recurso lingüístico (hipérbato) foi muito apreciado pelos escritores barrocos.

Sínquese

Figura de construção (figura sintática) mediante a qual os termos de uma oração ou frase sofrem inversão ainda maior que o hipérbato e mais violenta também, possibilitando gerar um caos vocabular, a ponto de atingir um grau de obscuridade tal que prejudica a compreensão do pensamento ou da mensagem do texto.

a linguagem, mas também violentações semânticas no que diz respeito ao uso do vocabulário. São duas as tendências estéticas que se instalam na época: o *cultismo* – mais especificamente na poesia – procura criar um vocabulário próprio, mudando a acepção tradicional das palavras correntes: *dilatar* passa significar “arremeter”; *beber* passa a ter sentido de “nadar”; *desatar* é usada significando “desvanecer-se”; *mentir* surge como sinônimo de “fingir”. A outra tendência é o *conceptismo* – mais afeito à prosa – e joga não tanto com as imagens apenas, mas também com a inteligência humana e prima pelo uso de sutilezas e associações inesperadas e jogos semânticos de variado tipo, trocadilhos e **analogias** que provocam hermetismo, dificultando, assim, a compreensão da frase: uso abusivo de figuras de linguagem como o **hipérbato** e a **sínquese**. A título de exemplo, vale a pena ler o soneto abaixo de Gregório de Matos, poeta do barroco brasileiro:

AO MESMO ASSUNTO

Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade;
Verdade e, meu Senhor, que hei delinqüido;
Delinqüido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade encaminhada a uma vaidade;
Vaidade, que de todo me há vencido;
Vencido quero ver-me, e arrependido;
Arrependido em tanta enormidade.

Arrependido estou de coração;
De coração vos busco, dai-me abraços;
Abraços, que me rendam vossa Luz.
Luz, que clara me mostra a salvação;
A salvação pretendo em tais abraços:
Misericórdia, amor, Jesus, Jesus!

Este é apenas um exemplo entre numerosos de que dispõe a língua literária portuguesa do século XVII e primeira metade do século XVIII. O termo raro, a frase pomposa, a metaforização e outros recursos de estilo dominam a linguagem formal dos escritores barrocos, não só no verso mas também na prosa de que é representante máximo do Padre Antônio Vieira, em seus extraordinários sermões.

O estilo barroco reina na Península Ibérica. Vale lembrar que, até 1640, em pleno século XVII, Portugal e suas colônias se encontravam sob o domínio espanhol. É a linguagem da “moda” da corte dos Felipes que circulava solene nos ambientes literários e artísticos portugueses. Acontecia na corte espanhola o período glorioso (período de ouro) de sua cultura artística e literária. A língua portuguesa mostra-se sensível a esse ambiente de uso lingüístico faustoso da língua castelhana (pleno de riqueza vocabular e de figuras ornamentais). Esse excesso responde e corresponde à atmosfera de luxo e de riqueza extraídos das colônias. Como bem frisou, com precisão, o professor Silveira Bueno: “A língua tinha de amoldar-se a estas exigências do fausto da sociedade (...). A glória dos Felipes não cabia mais na expressão quase seca dos clássicos” renascentistas.

No Brasil, as expressões maiores desse influxo lingüístico se acham nos versos de Gregório de Matos, como vimos acima, e na prosa (sermões) do Padre Antônio Vieira de que o fragmento abaixo, extraído do Sermão do Mandato, é um testemunho ímpar:



O *Cristo carregando a cruz* - Aleijadinho - Santuário de Bom Jesus de Matosinho - Congonhas/MG. (Fonte: <http://www.colegiosaofrancisco.com.br>).

Deste discurso se segue uma conclusão tão certa como ignorada; é que os homens não amam aquilo que cuidam que amam. Por quê? Ou porque o que amam não é o que cuidam; ou porque amam o que verdadeiramente não há. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama e não defeitos. Cuidais que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade; cuidais que amais perfeições angélicas, e mais imperfeições humanas. Logo, os homens não amam o que cuidam que amam. Donde também se segue que amam o que verdadeiramente não há; porque amam as coisas, não como são, senão como as imaginam; e o que se imagina, e não é, não o há no Mundo. Não assim o amor de Cristo, sábio sem engano.



Padre Antônio Vieira pregando aos índios - séc. XVII (Fonte: <http://www.eb23-diogo-cao.rcts.pt>).

Numa rápida comparação entre o soneto de Gregório e Matos e o fragmento do sermão de Vieira, podemos constatar o jogo de figuras de linguagem presentes em ambos os textos, aliado a intenção geral de aristocratizar a linguagem com torneios frasais, repetições e ornamentos do estilo que tornam a mensagem de captação difícil para o leitor comum.

Todo esse período que corresponde a quase duzentos e cinquenta anos de presença do homem europeu em terras da América do Sul – Brasil aparece como um grande estágio de adaptação, consolidação e permanência desse tipo humano “branco” no solo ocupado para efeito e colonização.

CONCLUSÃO

Como era de se esperar, os contatos interétnicos, culturais e lingüísticos, em alguns momentos de natureza pacífica, mas quase sempre tensos ou violentos, terminaram por apresentar, com o passar das décadas, um processo de miscigenação (aculturação, com fortes influências na língua do colonizador, sobreposta aos idiomas nativos e suplantados por ela – língua portuguesa – ao longo da dominação territorial. As influências mais sensíveis se revelam ao nível do léxico, mas também se fazem sentir na morfologia, na sintaxe e no amplo campo da semântica. Soma-se a esses elementos lingüísticos próprios dos contatos interculturais e lingüísticos com as populações nativas a feição que o português transplantado para América (Brasil) vai assumindo naturalmente por força da dinâmica da língua, não só em seu aspecto geográfico (expansão territorial diferenciado no correr do tempo), mas também em relação ao processo migratório que acontece em diversos momentos da história da colonização no Brasil.

Escritores como Padre Antônio Vieira (o maior sermonista em língua portuguesa) e Gregório de Matos Guerra (o maior poeta barroco brasileiro) tecem os seus textos literários a partir dos cânones lingüísticos portugueses da época, mas deixam transparecer, em algumas passagens, os efeitos da cultura local (brasileira) nas obras que aqui produzem.



RESUMO

O processo de inter-relacionamento do indígena brasileiro com o colonizador português teve início, como vimos, logo nos primeiros momentos de ocupação do solo da nova terra pela coroa lusitana. À época do descobrimento, entraram os portugueses em contato com várias etnias indígenas, genericamente denominadas de “tupis”. Posteriormente, o contingente indígena é apresentado como pertencente a vários grupos étnicos, entre os quais se destacam os “tupis-guaranis”, os “caraíbas” e os “aruaques”. Do século XVI ao século XVIII, a relação do colonizador europeu com as etnias indígenas não foi amistosa. Várias tentativas de escravização dos índios foram postas em prática, no entanto, os missionários jesuítas abrandaram essa exploração humana. Com isto, o colonizador desviou a sua fúria escravista para um contingente humano que já era explorado no seio de seu próprio país natal – Portugal. Trata-se do elemento africano “despatriado” a serviço da colonização no Brasil. Na atualidade, sabemos que o contato do indígena com o europeu colonizador foi catastrófico, haja vista a que se reduziu a população nativa do solo brasileiro. Cabe, no entanto, registrar ainda que, da relação entre portugueses colonizadores, indígenas e africanos, emerge uma contribuição cultural e lingüística que confere identidade específica ao tipo humano que se vai conformando ao longo das gerações subseqüentes, inclusive com o avanço também de todo o processo de ocupação territorial que a geografia do Brasil atual muito bem pode demonstrar. Essa identidade, apontada acima, não se resume apenas ao aspecto ou tipo físico do elemento humano brasileiro, pois se estende à modalidade lingüística que o português do colonizador, como língua dominante, assume e se revela eivada de diferenças notáveis no campo da fonética, do léxico, da morfologia, da sintaxe e da semântica.



ATIVIDADES

1. Faça um esquema dos principais acontecimentos históricos dos séculos XVI e XVII que marcam e contribuem para a diferenciação entre o português europeu e o do Brasil.
2. Como se pode comprovar que elementos das línguas indígenas estão presentes na toponímia, na antroponímia, na flora e na fauna brasileiras?
3. Como se pode exemplificar elementos da cultura africana em hábitos culturais e lingüísticos brasileiros?
4. Que tipo de renovação lingüística acontece na língua portuguesa, durante a segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII, com repercussão no português do Brasil?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O contato do português com as populações indígenas do Brasil e posteriormente com elementos escravizados procedentes da África alterou o cotidiano lingüístico e cultural do colonizador. Para melhor apreensão do conteúdo dessas atividades recomenda-se que o aluno consulte a bibliografia indicada para a aula e entre em contato com outras informações sobre o tema em questão, a fim de maior eficiência nas respostas às atividades propostas.

PRÓXIMA AULA



Mais adiante você verá como se formou a língua literária nos séculos XVII e XVIII.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Liv. Ed. Padrão, 1975.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico Ed., 1976.
- ELIA, Sílvio. **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. **O português entre as línguas do mundo**. Coimbra: Liv. Almedina Ed., 1985.
- HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: Unibrade, 1985.
- MELLO, Gradstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1971.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MONTEIRO, Clóvis. **Português da Europa e português da América**. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica Ed., 1959.
- SILVA NETO, Serafim da. **Introdução à língua portuguesa do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Presença-MEC, 1976.
- SILVEIRA, Souza da. **Lições de português**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972.
- SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa – III – Segunda metade do século XVI e século XVII**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.